

Língua - Sociedade - Cultura: uma relação indissociável

Clécia Maria Nóbrega Marinho Furtado¹
clecia_furtado@yahoo.com.br (CEFET-PB)

Maria da Salette Figueiredo de Carvalho
(CEFET-PB)

Maria do Socorro Burity Dialectaquiz
(CEFET-PB)

Maria das Neves Alcântara de Pontes
(UFPB)

Resumo: Este artigo versa sobre a interface língua / sociedade / cultura. Prescindindo do reconhecimento de que as culturas são enfocadas internamente, e, nelas, as relações de cunho lingüístico devem ser entendidas sob as significações que assumem nas sociedades para as quais essas culturas são suporte. Com efeito, este foi o ponto de partida para o desenvolvimento das investigações sobre o modo de organização das línguas, das sociedades e suas culturas. Nessa perspectiva abordamos estudos que tratam do Relativismo lingüístico e cultural, bem como sua evolução — desde J. G. Herder W. Von Humboldt —, ancorados em estudos sócio-etnolingüísticos.

Palavras-Chave: língua, linguagem, interface língua, sociedade, cultura

1. Língua e linguagem como referência inicial

Estudos lingüísticos se verificam desde a Antigüidade, no entanto, como área científica, com objetivo, unidade e método próprios, tenham sido propostos somente no início do século XX (1916), com o advento do Curso de Lingüística Geral, ministrado por Ferdinand de Saussure, conferindo, então, à Lingüística o *status* de autonomia em meio às ciências sócio-humanas. As afinidades da recém-ciência com estas (Filosofia, Sociologia, História, Psicologia, Antropologia, entre outras) só mais tarde alavancaram interesse e desenvolvimento.

É lugar-comum na história da humanidade a existência das línguas naturais como resposta às necessidades de o homem viver em sociedade, compartilhando e transmitindo experiências, práticas e pensamentos aos seus pares. Essa experiência compartilhada e configurada no seu sistema vocabular unifica-os e singulariza-os, distinguindo-os dos outros. Assim, à medida que a língua institui-se forma específica de intercomunicação, entre os indivíduos de uma determinada sociedade, fortalece os laços internos de tal grupo e torna-se patrimônio coletivo de seus membros, embora, cada indivíduo use essa língua de modo peculiar.

Mas o homem nos processos intercomunicativos não se utiliza apenas de signos verbais, (as palavras); recorre a outras tipologias de signos, também convenccionados socialmente. Uma e outra forma de representação e comunicação entre os indivíduos por meio de signos constituem a linguagem humana, que garante ao homem supremacia em relação aos outros animais. Em outros termos, a linguagem é toda forma de expressão do homem mediada por signos; e a língua é uma destas formas.

De forma consensual, os estudiosos detectam entre tais fenômenos que a linguagem é uma habilidade humana determinada biologicamente; e a língua é um conjunto de signos e regras que se combinam entre eles, cujos significados são socialmente convenccionados; e que a exposição do indivíduo, ainda na tenra idade, a um ambiente lingüístico é essencial para o pleno desenvolvimento da linguagem.

Desta forma, língua e linguagem são fenômenos que fazem do homem um ser de interação sociocultural.

Sobre tais fenômenos, influenciado pelas teorias sociológicas de J. A Herder e de W. Von Humboldt, Saussure (1988, p. 17) afirma:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos pois não se sabe como inferir sua unidade.

[A língua] é somente uma parte determinada, essencial dela [da linguagem], indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Vista dessa forma, a língua é social por ser uma convenção adquirida no seio da sociedade, e não no sentido de interação social sob seus aspectos mais gerais.

Ainda sobre língua, Saussure assegura que de um lado, os costumes de uma nação têm repercussão na língua, e, de outro, a língua em grande parte constitui a nação, anunciando dessa forma a inter-relação língua / sociedade / cultura muito antes do progresso dos estudos sócio-etno-lingüísticos, desenvolvidos, posteriormente, principalmente, pela Lingüística norte-americana, a partir do modelo metodológico usado de Franz Boas na Antropologia.

O espaço desse artigo não nos permite comentar tantos trabalhos desenvolvidos em torno da questão da língua e da linguagem, bem como da inter-relação língua/sociedade/cultura. No intuito de explicar mais claramente essa interface, e entendendo que todo grupo social implica cultura, construímos a próxima seção, a partir de alguns conceitos de cultura, sem nos atermos detalhadamente a nenhum dos diversos caminhos trilhados por lingüistas e estudiosos de outras áreas do conhecimento que têm interesse nesta temática.

2. Alguns conceitos de cultura

Cotejando os vários tratados relacionados à cultura e seus conceitos, encontramos que até para antropólogos, sociólogos e outros estudiosos das ciências sócio-humanas é muito difícil conceituar cultura, chegando a ser uma árdua tarefa dada à complexidade de sua história, a qual dificulta consideravelmente o acesso ao seu significado.

Nesse sentido, Vivian Schelling (1991) sugere que um dos caminhos para se chegar a algum resultado é seguir, atentamente, a história da cultura, desde que se conheçam as diversas experiências vinculadas à formação dessa cultura como um todo.

Tal procedimento pode originar não apenas um significado, mas uma série deles.

Segundo Morin, em O Método IV (1991, p. 17),

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada / organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, se manifestam 'representações colectivas', 'imaginário colectivo'. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras / normas que organizam a sociedade, dirigem os comportamentos individuais. As regras / normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura.

As idéias contidas neste conceito já estavam delineadas por ele (1975, p. 170) quando dizia que o indivíduo, ao nascer, começa a receber a herança cultural, que lhe vem garantir a formação, orientação e desenvolvimento como ser social. A herança cultural, não apenas, vai sobrepor-se à hereditariedade genética, mas também vai combinar-se com esta. Morin (1986, p. 21) complementa esta concepção ao asseverar que o conhecimento é simultaneamente biológico, cerebral, espiritual, lógico, lingüístico, cultural, social, histórico, e não pode ser desvinculado da vida humana e da relação social.

Retomando Schelling (1991), vejamos sua concepção sobre o termo cultura:

[...] pode-se dizer que o termo cultura é ele próprio cultural, na medida em que como produto de desenvolvimento histórico de um diálogo da sociedade consigo mesma ela traz a marca de sua formação. Partes desse diálogo social podem ser retraçadas até suas origens e fixadas dentro de diferentes discursos e tradições cognitivas. (SCHELLING, 1991, p. 21)

O termo cultura, porém, tanto para Schelling como para outros estudiosos dessa área parece bastante controverso pelo fato de haver surgido como necessidade de uma resposta ao industrialismo e à política européia dos séculos XVIII e XIX.

A essa época os termos cultura e civilização tinham um mesmo significado, pois ambos comportavam o ideal humanista acatado pelo poder da razão, desde o aparecimento da ordem natural e racional de um mundo civilizado, que se opunha à ordem teocrática da Idade Média.

Com o passar do tempo, novos acontecimentos concorreram para que houvesse a separação de conceitos, ou seja, a cultura é contraposta à civilização, cabendo então à cultura evocar os progressos individuais e à civilização, os progressos coletivos.

Segundo Denys Cuche (2002), a noção de cultura nas ciências naturais, o debate franco-alemão sobre a antítese cultura / civilização deu-se em maior profundidade durante o séculos XIX e se estende até início do século XX.

Na Alemanha, *Kultur*, no sentido figurado, aparece como uma transposição da língua francesa tida como distintiva das classes superiores da Alemanha; é o que se tem para justificar o empréstimo linguístico.

Nesse momento, acontece o inesperado, o termo *Kultur* evoluiu muito em relação a sua homóloga francesa. Tal evolução deu-se em campo mais restrito do que na França, e na segunda metade do século XVIII obtém um sucesso de público nunca visto na França. Esse fato pode ser explicado, pelo menos, parcialmente, porque os franceses tinham predileção pelo termo civilização.

Norbert Elias (1990) assegura que o progresso de *Kultur* deve-se à burguesia alemã, que sempre criticou o distanciamento e o descaso dos príncipes que governavam os diferentes Estados Alemães das Artes, porque passavam o tempo todo dedicando-se ao cerimonial da corte, como faziam os franceses considerados detentores de maneiras civilizadas.

Dois pensamentos vão ensejar então essa diferença entre os dois sistemas de valores aqui expostos: tudo o que vier da cultura liga-se diretamente à autenticidade, ao enriquecimento intelectual e espiritual. Já o que é só aparência brilhante, leviandade, refinamento pertence à civilização.

Noutra visão com origem na historicidade da cultura, da sua trajetória pode ser depreendido um outro conceito de cultura, que recebeu, de certa forma, influência do pensamento socialista. Este conceito resume-se em “*cultura é todo modo de vida*”. Supõe-se que essa concepção pode ter tido origem na reação romântica ao Iluminismo, que postulava uma compreensão da realidade social tão plena e abrangente, possível de expressar o espírito de um povo. Como resultado dessa reação surge então um conceito denominado diferencial ou antropológico, cujo teor maior centrava-se em visar aos padrões comportamentais socialmente adquiridos por tradição; constituídos pela linguagem, costumes e crenças.

Nessa ótica, a cultura passa a modeladora das formas diferenciais de vida em sociedades. Deste conceito é possível depreender-se que nossas

identificações são socialmente adquiridas, incluindo-se as relações lingüísticas como um conhecimento acumulado, visto que a língua permite instauração da temporalidade, e leva a sociedade a reagir efetivamente, não só na construção da forma pela qual se expressa lingüisticamente, mas sobre a maneira de essa sociedade ver o mundo.

É fundamental, porém, um esclarecimento: ao se considerar a cultura uma construção histórica, seja como concepção ou dimensão do processo social, não se deve entendê-la como algo natural nem como uma decorrência de leis físicas e biológicas, mas como um processo coletivo de uma sociedade.

Voltando a enfocar o desenvolvimento do termo *Kultur* na Alemanha do século XIX, sabe-se que sua tendência aponta para delimitação e consolidação das diferenças nacionais.

Neste sentido, J. G. Herder, num texto bastante polêmico em nome do gênio nacional de cada povo, defende a diversidade das culturas, riquezas da humanidade, pondo-se contra o universalismo do Iluminismo francês, por considerá-lo empobrecedor.

Cuche (2002) cita Herder que afirma: “[...] *na realidade cada povo através da sua cultura própria tem destino específico a realizar, pois cada cultura expõe a sua maneira um aspecto de humanidade [...]*”, e corroborando a autoridade de Herder ainda cita Dumont (1986), que afirma ter sido Herder “*quem abriu os olhos das pessoas sobre as culturas [...]*”.

Prosseguindo com pesquisadores, que contribuíram para o reconhecimento do processo de inter-relação língua / sociedade / cultura passaremos aos estudos de Franz Boas, o primeiro antropólogo a pesquisar *in loco*.

No tocante à etnografia, Boas, citado por Cuche, a concebia como uma ciência de observação direta [...]. Segundo ele, no estudo de uma cultura particular, tudo deve ser anotado, até o detalhe do detalhe. Na sua preocupação de contato com a realidade, não apreciava muito o recurso a informantes. O etnólogo, se ele quer conhecer e compreender uma cultura, deve aprender a língua em uso. (CUCHE, 2002, p. 43)

Conforme o que assevera Boas, a língua parece constituir, antes de mais nada, uma herança cultural e para os que a usam um símbolo de solidariedade.

Essa filosofia da Etnolingüística contribuiu na sua essência para a relação das culturas com as línguas que lhes são suporte. Dessa forma, deve-se a Boas a concepção antropológica do relativismo cultural, mesmo que não tenha sido o primeiro na defesa desta tese.

Foram também nesses estudos que a diferença entre as culturas fez-se notável porque Boas concluiu que cada cultura guardava traços que lhe

eram peculiares. Daí a preocupação dele não só como descrever esses traços, mas sobretudo compreendê-los.

Para Boas, cita Cuche,(2002) “*cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos*”.

Na diversidade da obra de Boas e nas inúmeras hipóteses sobre cultura por ela propostas, vislumbra-se a Antropologia americana, cujo desenvolvimento viria em seguida.

Essa qualidade de representação da cultura pela língua, segundo Valéria Chiavegatto (1999), causou muita polêmica e motivou questionamentos bastante fortes no que se referem às relações de pensamento e organização das línguas.

Nestes questionamentos encontra-se a teoria do Relativismo lingüístico apresentado por Edward Sapir e em seguida somado às idéias de B. Lee Whorf resultam na conhecida Hipótese Sapir / Whorf, em cuja versão fraca apoiaram-se os adeptos dessa Hipótese e, por conseguinte, parece que a versão forte não atendeu aos anseios dos seus seguidores.

Com referência à versão fraca da Hipótese é possível reconhecer-se que a existência de um produto social e de um sistema lingüístico definido possibilita o usuário a pensar e a falar; este é o pensamento de Sapir.

Complementando a Hipótese, Whorf entende que a maneira de se perceber o mundo é influenciada pelos diferentes sistemas lingüísticos os quais refletem os diferentes meios de que se originam.

Nessa síntese da Hipótese Sapir / Whorf, o primeiro assegura que a língua tem seu princípio no mundo social e só depois age na forma pela qual a sociedade concebe o mundo. Já Whorf, o segundo, ressalta que o mundo exterior seria um caos não fosse a intervenção do sistema lingüístico e, por isso, o conhecimento que o povo tem do mundo.

Dentre os lingüistas que se envolveram com os estudos da inter-relação língua / cultura / sociedade, Chiavegatto cita Labov que iniciou sua teoria com uma forte reação a N. Chomsky por ter focado, no que se refere à comunicação, apenas o falante e o ouvinte, não levando em consideração a heterogeneidade da língua, o que para Labov foi considerada como parte da estrutura de sua teoria e, assim, seus trabalhos puderam ser sistematizados. Nesta perspectiva seus estudos mostraram que o social é o fator que condiciona a ocorrência das variações.

Vários estudos surgiram no decorrer da evolução da Lingüística que se dedicaram a essa vertente para

que se chegasse ao reconhecimento da diassociabilidade língua / cultura / sociedade.

Coube, porém, a Del Hymes, em 1962, utilizar o conteúdo etnográfico no estudo da língua relacionada a traços culturais. Foi este lingüista quem propôs, segundo Chiavegatto (1991), o conceito de competência pragmática, ou seja, “*o saber que os falantes possuem não só das formas da sua língua, mas de suas próprias condições de uso e de adequação dos enunciados sócio-comunicativos que se apresentam considerando a cultura em que se manifestam*”.

Em outras palavras, a interação entre os falantes de uma língua dá-se sob o suporte da sociedade e da respectiva cultura que envolve esses falantes.

3. Considerações finais

Após essa exposição, acreditamos ser possível depreender desse trabalho que as línguas são herdadas e transmitidas de numa sociedade para sociedade, juntamente, com as culturas que lhes são suporte.

Dada a abrangência deste tema, esperamos que se compreenda este trabalho como apenas de uma etapa, em que tentamos mostrar a base que suporta a inter-relação língua / sociedade / cultura, elementos indissociáveis nos estudos lingüísticos, antropológicos e sociais, portanto, ponto de partida para novos estudos nesse campo.

4. Referências

- BOAS, Franz, *Antropologia cultural*, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. *Linguagem, Sociedade e Cultura*. In: CARNEIRO, Marísia (org). *Pistas e Travessias*. Rio de Janeiro : UERJ, 1999.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. – 2 ed., Bauru: EUDSC, 2002.
- DUBOIS, Jean. et. al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo : Cultrix, 1973.
- ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes* (1939), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIA, Sílvio. *Sociolingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão / EDUFF, 1987.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. – 17 ed. Rio de Janeiro: 224.
- LYONS, John. *Linguagem e Lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 1987.

MORIN, Edgar. *O Enigma do Homem. Para uma Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. Trad. Fernando de Castro Ferro.

_____. *O método III. O conhecimento do conhecimento*. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária, 1986. Trad. Maria Gabriela de Bragança.

_____. *O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária, 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAPIR, Edward. *Linguística como Ciência*, Rio de Janeiro Livraria Acadêmica, 1969.

SCHELLING, V. *A Presença do povo na cultura brasileira: ensaios sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.

Responsabilidade de autoria

As informações contidas neste artigo são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões nele emitidas não representam, necessariamente, pontos de vista da Instituição e/ou do Conselho Editorial.